

muito pouco acrescentavam ao sistema então vigente.

As pressões foram tão fortes que até a privatização do sistema de telecomunicações esteve sob risco iminente de ser aprovada, com prejuízos imensuráveis para o Brasil. Organizações tão influentes como a Rede Globo e o Banco Bradesco tentaram a privatização do satélite doméstico, a partir de dispositivos vulneráveis introduzidos na aprovação da Constituição. Grupos que classificam a comunicação como simples instrumento do capital, de obtenção de lucro. E, portanto, sem admitir o conceito segundo o qual "a comunicação é um bem cultural", a serviço da sociedade, tal como é encarada e aplicada nos países europeus.

Até mesmo aquele que é considerado o avanço mínimo — o que prevê a criação do Conselho Nacional de Comunicação — esteve para ser eliminado da Constituição Federal! E só foi mantido, apesar das limitações impostas por correções retrógradas, graças à intervenção da Federação Nacional dos Jornalistas e outras instituições preocupadas com a sonhada democratização da informação.

A inovação pouco acrescenta. Pretendia a sociedade civil que as concessões de emissoras de rádio e televisão partissem de decisões soberanas do Conselho Nacional de Comunicação, colegiado integrado por segmentos representativos da Nação, em condições de independência para opinar sobre a instalação de novas estações de rádio e televisão e das empresas que, em concorrência pública, oferecessem mais serviços à comunidade.

A Constituinte inverteu o processo. As concessões continuarão sendo decididas pelo Presidente da República, após análise restrita ao Ministério das Comunicações, com avaliação posterior do Conselho Nacional de Comunicação. A avaliação passa a ser "a posteriori" da outorga da concessão.

A evolução nos demais dispositivos é apenas teórica. Só com a vigência da nova Carta Magna vai ser possível uma avaliação mais profunda sobre os princípios, entre eles o que prevê a regionalização da programação de rádio e televisão ou o que determina respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

A democratização da Comunicação permanece como novo e mais forte desafio da Nação, neste período pós-constituinte.

O que a prática tem demonstrado é a permanente violação a limites éticos e morais, às instituições da família e do ser humano, seja nos estereótipos concebidos nos programas de humor, seja pelos enredos das telenovelas a promover uma completa inversão de valores, afetando de forma altamente lesiva a formação de jovens e crianças.

Há dispositivos que simplesmente repetem as Constituições anteriores, sobretudo, os que tratam da proibição do anonimato, garantem o direito de resposta, mantêm a liberdade intelectual e asseguram o sigilo da fonte.

O estudo comparativo das Constituições do Brasil com a de 1988 e com textos modernos de países europeus irá

demonstrar que a Carta em vigor fixa-se num quadro exclusivamente liberal no capítulo da Comunicação.

A Igreja Católica, seja por sua respeitada hierarquia, seja pelas instituições regionais e nacionais, tem um compromisso com este processo.

Um compromisso que surge há décadas com documentos históricos da maior importância, como a "Inter Merifica", do Vaticano II, a "Comunhão e Progresso", de 1971, as Cartas pontificias e Mensagens expedidas anualmente pelo Vaticano, por ocasião do Domingo dos Meios de Comunicação Social, todas enfatizando a defesa do direito social à informação, como forma de alcançar a necessária e autêntica democratização da comunicação.

Como recomenda João Paulo II: "Instrumento de evangelização deve ser o emprego extremamente competente e profissional das emissoras de rádio e televisão e dos outros meios de comunicação social. E à evangelização estão naturalmente ligados o progresso de todo o gênero humano e a evolução integral dos homens e das mulheres do mundo inteiro. Essa exigência deriva do respeito que devemos a Deus e da consideração que devemos ao público" (Mensagem pelo cinquentenário da UNDA).

Ora, a comunicação devida é aquela que se faz para servir, para promover a paz, o bem-estar e a concórdia.

Endereço do autor:

Rua Percy João de Borba, 7, Trindade
88000 — Florianópolis, SC

OS POBRES CONQUISTAM A PALAVRA

José Roberto Moreira
Jurandir Coronado Aguilar
Alunos do 3º ano

*"Se eles se calarem,
as pedras gritarão. . ." (Lc 19, 40)*

I — A HISTÓRIA DA IN-COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Na aurora dos 500 anos de Evangelização da América Latina, urge recuperar o processo histórico de exploração que acompanhou, paradoxalmente, a Comunicação do Evangelho no continente. As nações indígenas, saqueadas e massacradas; os negros africanos, deportados e escravizados; os imigrantes europeus, iludidos e assalariados; foram hoje a grande massa dos marginalizados, à beira das cercas do latifúndio ou nas periferias das grandes cidades. Despossuídos de suas terras, de suas raízes culturais e de sua dignidade, homens e mulheres foram reduzidos ao silêncio, impossibilitados de expressar o vigor de suas lutas e esperanças. Trata-se de um longo e doloroso exílio

na própria terra, comparável ao exílio do Povo de Israel no séc. VI aC.: "os povos latino-americanos foram transformados em exilados em seus próprios países. Aqui são habitantes. Não são cidadãos. (. . .) Na Bíblia, exílio não é só deportação ou fuga para terra estranha. É também opressão e vida indigna na própria terra, no país em que se nasce"⁽¹⁾.

01. O saque da terra

A dominação capitalista estendeu suas garras sobre nossas terras, povos e culturas e consolidou-se em três períodos:

1. Capitalismo Comercial: o período que vai desde a invasão colonialista até meados do séc. XVIII, é caracterizado pela exploração desenfreada da matéria-prima e pelo comércio criminoso das riquezas nativas. Movidos pela ganância e pelo lucro, os conquistadores escravizaram índios e negros, invadiram suas terras, profanaram sua memória, "civilizaram" suas crenças, roubaram os frutos do seu trabalho e suor, sufocaram seus gemidos e protestos.

2. Capitalismo Industrial: o advento da Revolução Industrial acelerou, na América Latina, a abertura definitiva de todas as portas para o capital estrangeiro. Entre o fim do século XVIII e o início do século XX, empresas estrangeiras se estabeleceram em nossa terra em busca da abundância de recursos naturais, da mão-de-obra barata e do mercado consumidor para o "excedente" da produção. A falaciosa abolição da escravatura, a vinda dos imigrantes europeus e a conseqüente proletarianização, construíram uma estrutura conveniente para a transformação de nossa gente em "supermercado das multinacionais".

3. Capitalismo Tecnológico-Financeiro: a partir dos anos 30, ao capitalismo comercial-industrial, junta-se a dominação da tecnologia e do capital estrangeiro. Esta será a dependência, ao mesmo tempo, mais sutil e escandalosa: é o período das dívidas externas, dos grandes projetos, dos golpes militares, dos bancos credores, do FMI. . .

Nesta situação, o culto da técnica e do desenvolvimento atinge os meios de comunicação e os define como legitimadores da situação de miséria e opressão.

Ao lado da dominação econômica, a cultura também é objeto de expropriação e violência.

02. O saque da cultura e da palavra

Ao lado da dominação econômica, a cultura também é objeto de expropriação e violência. Além do genocídio dos autóctones, assistimos a um verdadeiro etnocídio de nossos povos. Os índios são expulsos de suas tribos, assaltados e dizimados. Suas raízes culturais são substituídas pelos "novos valores da civilização". Os negros são estrategicamente arrancados de suas terras. A força do preconceito e da ideologia do embranquecimento destrói seus valores, suas expressões artísticas e religiosas. Um povo sem cultura torna-se presa fácil da manipulação dos poderosos. Também os europeus pagam o preço da desilusão e das falsas promes-

as. Seus braços e seu suor são usados para abrir caminho de entrada do capitalismo no campo e na cidade.

Não podemos ignorar o papel da comunicação neste processo. Na verdade, tanto os índios, quanto os negros e os europeus foram traídos pela força da palavra — inclusive da Palavra de Deus! — que acobertou e legitimou a injustiça e o massacre secular: "Paciência, resignação e obediência eram o catecismo que os padres ensinavam ao escravo. Alguns chegavam a dizer que os negros eram filhos do 'maldito' e constituíam uma raça de condenados cuja salvação estava em servir ao branco com paciência e devoção. Outros representavam o papel de mediadores entre a casa-grande e a senzala. Pregavam a obediência a uns e a moderação e benevolência a outros. Dizia-se nessa época que a confissão era o melhor antídoto das insurreições"⁽²⁾.

Com o advento da técnica e o reconhecimento do papel preponderante da comunicação para a manutenção do "status quo", os meios de comunicação tornaram-se, nas mãos das classes dominantes, uma eficiente arma de manipulação e indução das grandes massas.

Hoje, o monopólio da informação é uma realidade gritante: "no Terceiro Mundo, onde vivem 70% da população do planeta, 90% da informação impressa ou transmitida por rádio e tv são procedentes de Nova York, Londres ou Paris"⁽³⁾. Este é o resultado da tendência concentracionista e oligopólica da economia mundial. A maior parte das informações veiculadas aqui tem sua origem em 04 agências: France Press (AFP — França), Reuters (Alemanha), United Press International (UPI — EUA) e Associated Press (AP — EUA).

A construção de grandes impérios de comunicação como a Rede Globo — quarta rede de televisão do mundo —, a "pasteurização" das informações e a concessão arbitrária de canais de rádio e televisão a grandes grupos econômicos são atentados explícitos contra os reais interesses da população.

Esta violenta história de empobrecimento e manipulação da comunicação forjou a introjeção da ideologia dos conquistadores e, por conseguinte, a destruição da memória histórica das lutas e resistências dos pobres e a negação da palavra aos autênticos comunicadores da boa-notícia do Reino.

II. CRITÉRIOS ANTROPOLÓGICOS PARA UMA COMUNICAÇÃO LIBERTADORA

Esta história de violência e saque da palavra nos serve como pressupostos antropológicos para uma elaboração da Teologia da Palavra, já que é nesta realidade que percebemos a presença histórica de Deus. E quando se fala em presença histórica de Deus, não temos a pretensão de ter Deus apenas como um objeto (teologia especulativa), mas em interpretarmos toda e qualquer realidade a partir da visão de Deus. Neste sentido, o conhecimento da realidade, pela qual Deus se comunica, faz-se necessário e fundamental. Esta realidade não é uma mera formalidade, mas o "habitat" do homem; especificamente, o homem latino-americano, sofrido e espoliado. Assim, a teologia

encontra-se diante de um interlocutor bem determinado: o "não-homem" — desfigurado pelas situações de injustiças, submetido a condições infra-humanas de existência. Neste contexto, a grande preocupação da teologia está em "como responder a um povo predominantemente crente, mas injustamente empobrecido"⁽⁴⁾.

A teologia encontra-se diante de um interlocutor bem determinado: o "não-homem"

O eixo da teologia como da evangelização é a fidelidade ao homem concreto e à Palavra de Deus. Esta Palavra é o próprio Deus, que na sua comunhão trinitária é comunicação de Pessoas, as quais não ficam restritas à imanência, mas constituem uma "comunhão aberta para além das Pessoas, incluindo a criação"⁽⁵⁾. Donde se deve concluir que o homem, criado à imagem da Trindade, é, antes de tudo, pessoa dotada de dignidade, querida e amada por Deus. Para tanto, a Evangelização que é comunicação (anúncio do Reino e denúncia do anti-Reino), deve buscar a realização de todos os homens.

Buscando na Trindade a realização plena do homem, podemos estabelecer que a vocação comunicativa é o critério antropológico fundamental para o reconhecimento do homem verdadeiramente tal, que se realiza plenamente "sob a condução dos pobres — eles são a vanguarda real do homem novo"⁽⁶⁾. Com efeito, na América Latina, realidade marcada pela pobreza, que Puebla qualifica de "desumana" (Puebla 29) e "antievangélica" (Puebla 1159), há diferentes maneiras de ver e entender o homem.

01. Visões deformadas do homem — obstáculos para uma comunicação libertadora

A América Latina, espaço histórico formado pelas culturas indígena, branca e africana, tornou-se uma "terra estranha" para a imensa maioria da população, que se vê agredida em sua dignidade, cultura e tradição, numa situação de "violência institucionalizada" (Medellín — Paz, II, B, p. 21). É "terra hostil ao ser humano", é o "lugar da injustiça e da morte"⁽⁷⁾, reduzindo a uma vida indigna o "indigente" latino-americano, forçado a viver nos "porões da humanidade"⁽⁸⁾, dos sertões, bairros, favelas e morros, sendo obrigado a viver como estrangeiro na própria pátria — como retirante:

"Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva,
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira). . ."⁽⁹⁾

Nesta situação de "não-vida", Puebla (308-315) contempla os diversos enfoques sobre o homem que parcializam

diversos enfoques sobre o homem que parcializam ou deformam sua visão integral

ou deformam sua visão integral:

a) **Visão determinista:** o homem é um fantoche nas mãos de "forças ocultas", acreditando que "tudo o que acontece é determinado por Deus". Nesta visão emergem as idéias erradas de que "tudo o que existe é porque Deus quer", inclusive a desigualdade e a discriminação entre os homens (fatalismo). "Comunicar" significa, nesta visão, aniquilar-se frente ao maior. Não há reciprocidade, mas domínio. Só tem voz aquele que "conhece as forças ocultas". Os meios de comunicação são monopólios do poder.

b) **Visão psicologista:** reduz a pessoa ao seu psiquismo, a um instinto fundamental erótico, no qual a religião, a cultura e a história funcionam como sublimação do instinto sexual. A "comunicação" consiste na liberdade sexual; a pessoa sendo vítima de seus instintos tira de si todo senso de responsabilidade, reduzindo o outro a simples objeto de satisfação.

c) **Visão consumista:** a pessoa humana é reduzida a uma peça da máquina de produção industrial: instrumento de produção e objeto de consumo. A felicidade consiste em ter, poder e prazer. O que interessa é o lucro, mesmo acarretando a miséria de maiorias — "o homem vale tanto quanto possui". "Comunicar" consiste em vender a produção e fabricar consumidores ("vidiotas", "radiotas"). Os meios de comunicação estão nas mãos da classe dominante porque o "povo é ignorante", deve "entrar na onda", estimulando a passividade e a alienação. A crítica é coibida.

d) **Visão liberalista:** visão individualista do homem. É a lei do "cada um por si", provocando uma radical divisão entre ricos e pobres, não havendo preocupação com a justiça social. Esta visão coloca-se a serviço do imperialismo internacional do dinheiro. A febre pelo lucro e o acentuado individualismo bloqueia a comunicação com o outro, a solidariedade, estimulando a dominação e a radicalização absoluta de uma única concepção de mundo, sociedade e homem. Não se permite a pluralidade, a diferença.

e) **Visão do marxismo clássico:** visão coletivista que anula as diferenças e submete as pessoas num todo homogeneizador e igualitarista. Reduz o ser humano às estruturas econômicas (produção), desconhecendo o valor das expressões religiosas. A "comunicação", nesta visão, mesmo pretendendo ser social, não se desenvolve num relacionamento de iguais dentro do respeito às diferenças. O que há é um nivelamento, com traços de massificação.

f) **Visão estatista:** baseada na Doutrina de Segurança Nacional. Estimula a guerra contra os conflitos culturais, sociais, políticos e econômicos e a ameaça do comunismo. O que conta é a lei e o Estado. O homem não sabe ouvir o clamor do povo, não consegue ver a realidade opressora, nem assume a causa dos injustiçados, sendo transformado numa "caixa de ressonância" da ideologia estatal. Os meios de comunicação funcionam como anestésicos das cons-

ciências e inibidores de iniciativas.

g) **Visão calculista:** só se reconhece como verdadeiro o que é provado cientificamente. O homem é reduzido à sua definição científica, a mero elemento de cálculo. Tudo é justificado pela ciência, até a violação da dignidade humana (repressão, chantagem, tortura). A "comunicação" está nas mãos dos "sábios e entendidos" (tecnocratas), que controlam todos os espaços, impedindo a liberdade das pessoas e das instituições.

02. Recuperação da imagem cristã do homem, fundada na dignidade

Estas visões distorcidas obscurecem a vocação humana e divina do homem; por isso, é necessário proclamar a "dignidade que é própria de todos, sem nenhuma distinção" (Puebla 316). O homem não pode estar limitado por estas visões; ele não é um robô mecânico. Ele reage, assimila, contesta, supera. . . Rompe com as estruturas violentas que produzem morte. Assume por amor e solidariedade as misérias da história, criando condições de vida para todos.

alguém que tem fome de comunhão, realizando-se na comunicação, na abertura, na partilha.

Nesta experiência de vida o homem descobre sua verdadeira comunitária, entendendo-se não como alguém preso individualisticamente ao seu "eu", mas como alguém que tem fome de comunhão, realizando-se na comunicação, abertura, partilha. Comunicação que não é unilateral, nem monopolista, mas é dialógica, interativa e libertadora.

Assim, em Puebla a Igreja se vê no direito e dever de "anunciar a todos os povos a visão cristã da pessoa humana, pois sabe que precisa dela para iluminar a própria identidade e o sentido da vida e porque professa que toda violação da dignidade humana é injúria ao próprio Deus, cuja imagem é o homem" (Puebla 306). Afirma que todo homem e toda mulher, por mais insignificantes que pareçam, têm em si a nobreza inviolável que deve ser respeitada incondicionalmente (Puebla 317); toda convivência humana deve fundar-se no bem comum (Puebla 317), tendo direitos inalienáveis (Puebla 318) e Jesus Cristo como fonte histórica da dignidade humana (Puebla 319). Para tanto é preciso buscar a libertação integral do homem (Puebla 321), construir a comunhão e participação (Puebla 322), humanizar o mundo (Puebla 323), assumir a causa dos necessitados (Puebla 324), romper a situação de pecado (Puebla 328), empenhando-se na luta pela justiça para com os oprimidos (Puebla 327).

Portanto, a visão cristã do homem se configura, de maneira essencial, na solidariedade humana. Não há amor a Deus sem amor ao irmão (1Jo 3, 15; 4, 20). Neste entrelaçamento de vida e entrega a Deus entregando-se ao irmão, o homem descobre a própria identidade — alguém que se humaniza na medida em que se relaciona, em que se comunica:

a) **Relação com o outro:** estabelece-se uma relação de reciprocidade; não há dominação, mas igualdade. Entre as diferenças há diálogo. Na comunidade encontra a realização plena e a verdadeira liberdade. "A comunidade é a verdadeira superação das relações de dominação. Em lugar de dominação existe a liberdade: todos tomam iniciativas, ninguém é obrigado a fazer a vontade do outro. A liberdade vence a necessidade (Fm 14). Contudo na comunidade não quer dizer que cada um faz a sua própria vontade, não quer dizer individualismo, nem anarquia. Pelo contrário, cada um faz voluntariamente o bem da comunidade. Todos servem a todos"⁽¹⁰⁾.

b) **Relação com Deus:** é a fundamentação da própria existência humana. A relação com Deus significa estar ligado ao que dá sentido e valor a tudo — é a busca da própria humanidade, solidarizando-se com os oprimidos (preferidos de Deus), tendo em Jesus Cristo a plenitude do homem e na ação do Espírito Santo o fortalecimento humano. No seio da Trindade, a fonte da vocação comunicativa do homem.

c) **Relação com o mundo:** o homem existe numa situação concreta (espaço, cultura, trabalho, comunidade. . .) e, nesta situação, é chamado a agir e edificar o Reino, estabelecendo-se estruturas que garantam a dignidade da pessoa humana e assegurem as condições de sobrevivência (justiça, moradia, igualdade, participação. . .).

d) **Relação consigo:** descobre o que há de único, incommunicável e original em cada pessoa humana. Todo o processo de libertação exige que cada pessoa liberte-se de si mesma, na solidariedade com os outros (pobres). "Não há libertação da humanidade fora da libertação desses homens reais que sempre são inesperados e diferentes dos esquemas gerais que pretendem compreender a humanidade em geral"⁽¹¹⁾.

Assim, a percepção profunda e integral da dignidade humana é o pressuposto básico para a comunicação como dimensão ampla e profunda do relacionamento humano, mediante o qual o homem, individual e comunitariamente, se inter-relaciona no mundo, sendo sujeito ativo e agente de transformação e libertação. Comunicação que não nasce da verbalização estéril da lógica, mas da vivência concreta do povo, enxertada do amor de Deus, como um leque capaz de oferecer espaços para todos, até chegar o dia em que tenhamos vida sem morte, alegria sem dor.

III. A DEVOLUÇÃO DA PALAVRA AOS POBRES

O projeto de uma comunicação libertadora, particularmente, de uma evangelização autêntica, deve estar enraizado na realidade concreta que se propõe transformar: o homem latino-americano, marcado por um processo de empobrecimento e de silêncio secular. Para que a libertação não seja um discurso vazio e especulativo, faz-se necessário romper os obstáculos que impedem a realização integral do homem e assumir o desafio de devolver a palavra aos pobres.

A opção pelos pobres contempla este novo desafio para a comunicação: transformá-la em instrumento eficaz de transformação social e libertação das classes oprimidas. A

A opção pelos pobres contempla este novo desafio para a comunicação

própria pedagogia comunicativa de Deus na história nos fornece elementos que iluminam a superação de uma estrutura vertical e autoritária da comunicação em vista de um processo interativo, dialógico, participativo, fundado no compromisso e na comunhão de vida.

A presença de Deus na humanidade, atuante na sua Palavra libertadora-eficaz e na Aliança (compromisso), ocupa toda a história de Deus no mundo, desde as origens (Gen 1,3) até a consumação dos tempos (Heb 12,26-28). Esta Palavra não é um dado estático na história, mas presença dinâmica que interpela continuamente o povo pelas ações dos profetas, tendo, em si mesma, a força para modificar a história (Jr 1,10). Esta Palavra recebe um nome em Jesus Cristo (Jo 1, 14), trazendo para a história a maneira de como toda palavra humana pode expressar a Palavra de Deus (seguimento e anúncio de Jesus Cristo). A Palavra de Deus está viva; ela não é uma herança do passado, mas uma realidade atual, que se torna Boa Notícia quando é proclamada e vivida na prática da justiça — “Conhecer a Deus é praticar a justiça” (Is 58, 1-12; Jr 22,13-16; 9,23).

Ao longo dos séculos a história dos pobres sempre foi de exploração e resistência. Em nosso continente, nas lavouras e nas minas, nas fábricas e nas Igrejas, os pobres foram forçados a receber passiva, obediente e silenciosamente uma palavra que só fazia “amaciar” o jugo da opressão. Todas as tentativas de resistências e de protesto pela conquista do poder e da palavra, eram imediata e violentamente abafadas. Mesmo assim, as sementes da Palavra são ainda hoje, bandeiras de luta e esperança na construção do novo. A presença de homens e mulheres pobres e explorados na América Latina constitui-se na mais contundente denúncia do sistema capitalista que os produziu. Ao mesmo tempo, é o anúncio profético, a força dinamizadora das comunidades em vista da inauguração do Reino na história.

A comunicação dos pobres não se realiza com os instrumentos da técnica e do capital

Uma Nova Comunicação é a consequência de uma nova estrutura social e eclesial, na qual a palavra é conquistada pelos pobres, como instrumento de comunhão e solidariedade. Neste sentido, a emergência das Comunidades Eclesiais de Base nas periferias do Terceiro Mundo expressa a consciência de classe dos pobres e se impõe como força revolucionária que subverte os moldes tradicionais de monopólio da palavra, tanto na Igreja como na sociedade, provocando a irrupção criativa dos pobres como protago-

nistas da comunicação.

A comunicação dos pobres não se realiza com os instrumentos da técnica e do capital, mas se expressa como clamor nos subterrâneos da história. Os pobres esperam dos detentores da palavra e dos meios de comunicação, não concessões e favores, mas conversão radical e compromisso com os interesses de sua classe.

A conversão aos pobres se dará no resgate de sua memória, na solidariedade com sua causa e no fortalecimento de suas lutas e esperanças.

Assim, a palavra que foi historicamente roubada das classes populares e abafada pelo poder opressor, irrompe como manifesto da indignação dos espoliados e força condutora da vida, no serviço, na solidariedade e na igualdade, superando toda dominação e construindo a comunhão da força da palavra na organização popular, sob o impulso do Espírito. A luta dos pobres mostra que Deus quer formar o Povo dos Pobres (Sf 3,12-14), buscando na justiça o caminho capaz de superar toda dispersão, exploração e dominação, para apresentar um modelo alternativo de nova comunicação e de uma sociedade nova.

Desta forma, diante do homem empobrecido da América Latina e do universo cada vez mais desafiador da comunicação humana, cabe-nos uma atitude crítica e profética, tendo em vista a busca e o anúncio da verdade, a superação das ideologias e sistemas que provocam a morte dos pobres, o acesso de todos aos benefícios do progresso e da técnica, o respeito pela dignidade e liberdade da pessoa humana, o fortalecimento dos projetos de comunicação alternativa e popular e a instauração, no aqui e agora, da boa-notícia de um novo homem e de um novo amanhã.

Notas

- (1) SCHWANTES, Milton. Sofrimento e esperança no exílio. São Paulo, Paulinas / Sinodal, 1987, p. 13-16.
- (2) COSTA, Emília Viotti da. Da escravidão ao trabalho livre. in.: História Geral da Civilização Brasileira, tomo II, vol. 3, p. 150.
- (3) Tempo e Presença, Revista nº 228, mar./88, p. 3.
- (4) ARDUINI, Juvenal. Horizonte de Esperança — Teologia da Libertação. São Paulo, Paulinas, 1986, p. 10.
- (5) BOFF, Leonardo. A Trindade, a Sociedade e a Libertação. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 187.
- (6) COMBLIN, José. Antropologia Cristã. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 50.
- (7) GUTIÉRREZ, Gustavo. Beber no próprio poço — itinerário espiritual de um povo. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 21.
- (8) MESTERS, Carlos. Seis dias nos porões da humanidade. Petrópolis, Vozes, 1982.
- (9) MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina — e outros poemas em voz alta. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1987, p. 79.
- (10) COMBLIN, José. op. cit. p. 25.
- (11) COMBLIN, José. op. cit. p. 243.

Endereço dos autores:
Seminário do ITESC
Caixa Postal 5041
88041 — Florianópolis, SC